

Sexualidade na Primeira Infância

um Percurso que se Inicia na Família

Paula Cristina de Almeida Costa¹

Resumo

Reconhecendo-se cada vez mais a importância de uma educação sexual desde os primeiros anos cabe à família o início dessa tarefa. A passagem do silêncio absoluto para uma efetiva comunicação entre pais e filhos deve acontecer desde tenra idade, contudo as dificuldades e os hiatos ainda existem. Neste estudo de natureza qualitativa procuramos descrever as concepções que os pais têm acerca da sexualidade e compreender como realizam a educação sexual com os seus filhos. Centramo-nos em três pais com filhos de idades compreendidas entre os 2 e os 9 anos e por meio da análise do conteúdo das entrevistas realizadas buscamos os nossos objetivos. Os resultados apontam para uma necessidade de dotar os pais de mais informação acerca das temáticas relacionadas com a sexualidade infantil de forma a ultrapassarem os seus receios na hora de proporcionar uma educação sexual aos seus filhos.

Palavras-chave: Família. Educação sexual. Sexualidade infantil.

¹ Professora do Ensino Básico na variante de Matemática e Ciências da Natureza, mestre em Educação, na área de especialização de Didática das Ciências pela Universidade de Lisboa, doutoranda em Educação, na área de especialização de TIC na Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Ieul), membro do Grupo de Estudos e Investigação em Sexualidade, Educação Sexual e TIC – Geisext do Ieul.

SEXUALITY IN EARLY CHILDHOOD: A JOURNEY THAT BEGINS IN THE FAMILY

Abstract

Given the increasing recognition of the relevance of sexuality education in earlier years the family has a crucial role in the beginning of such a task. A change from complete silence to effective communication between parents and children should occur at an early age, however, the difficulties and the gaps persist. This qualitative study aims at describing parents' conceptions about sexuality and how they teach sex education to their children. Three parents with children aged between 2 to 9 years were interviewed individually. The transcriptions of the interviews were submitted to content analysis procedures. The results enhance parents' need for more information and knowledge about issues related to child sexuality in order to overcome their fears and difficulties when providing sex education to their children.

Keywords: Family. Sexual Education. Child Sexuality.

O Grupo de Estudos e Investigação em Sexualidade, Educação Sexual e TIC – GEISEXT, do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, responsável pela presente pesquisa, iniciou os seus trabalhos referentes ao ano letivo de 2012/2013² sobre a evolução da sexualidade ao longo da vida, com o tema a educação sexual na primeira infância. Para cada tema programado para esse ano foram definidos dois encontros: num primeiro, e como forma de fortalecer o corpo teórico dos membros do grupo realizam-se várias leituras, previamente selecionadas seguidas de análise e discussão, e num segundo encontro abre-se a participação a um número mais amplo de interessados na temática, que tendo acesso antecipado aos textos, participa na discussão ampliada.

A metodologia adotada no primeiro encontro foi a leitura de dois textos, seguida de uma discussão e reflexão por parte dos membros do chamado “núcleo duro” do grupo.³ No segundo encontro, já com o grupo mais amplo, foi apresentado um conjunto de perguntas, colocadas por alunos com idades compreendidas entre os 2 e os 9 anos de idade, aos seus professores, e o enfoque da discussão centrou-se na questão: como é que os educadores lidam com as questões da educação sexual na primeira infância?

Como a maioria dos membros presentes neste segundo encontro eram professores, o problema, durante a discussão, não foi totalmente clarificado no que respeita aos pais, também eles educadores. Após este encontro tornava-se necessário perceber como encaram os pais estas mesmas questões e como responderiam a elas para seus filhos, ou seja, fazia-se necessário identificar o que dizem os pais acerca da sexualidade e como ela é entendida e vivenciada no seio da família. Assim, a presente pesquisa teve como objetivos: 1) identificar as percepções dos pais acerca do conceito de sexualidade; 2) descrever que tipo de comunicação se estabelece entre pais e filhos, no que diz respeito à sexualidade; 3) perceber que tipos de respostas dão os pais quando confrontados

² Consideramos ano letivo diferente de ano civil. O ano letivo em Portugal começa em setembro e termina em junho/julho.

³ Deste núcleo fazem parte pedagogos, professores e antropólogos que selecionam os textos a serem trabalhados e planificam as sessões de discussão.

com questões colocadas pelos filhos. Após este segundo encontro o chamado “núcleo duro” discutiu as questões a colocar aos pais e se elaborou o guião no qual constam um conjunto de questões a colocar na entrevista semiestruturada a ser instituída e posteriormente um dos seus membros realizou essa entrevista com duas mães e um pai com filhos com idades compreendidas entre os 2 e os 9 anos. Os resultados poderão contribuir para o desenvolvimento de ações de formação que envolvam os pais e que se centrem em questões relativas à educação sexual.

Clarificando Conceitos: Sexualidade e Educação Sexual

Como já referimos anteriormente o GEISEXT centra a sua ação no estudo e investigações em Educação Sexual (ES) e na Sexualidade. Importa clarificar estes dois conceitos. Começemos por entender: O que é a Sexualidade? A resposta a esta questão não é simples nem unânime. No senso comum sexualidade é entendida muitas vezes como igual a sexo, efetivamente para a maioria das pessoas sexualidade resume-se ao sexo e ao sistema reprodutor (Puerto, 2009). Em algumas leituras acerca do tema podemos identificar várias visões do que é a sexualidade, consoante as épocas, as culturas e as sociedades. Surgem, deste modo, várias definições de sexualidade, sendo o conceito visto como uma “realidade dinâmica em contínua mudança e crescimento graças à contribuição dos investigadores sexuais nas suas diversas e variadas áreas” (Puerto, 2009, p. 75).

Segundo alguns autores a sexualidade humana deve ser entendida como um todo vital que começa a crescer desde a conceção e que não termina antes da morte (Haffner, 2005; Puerto, 2009). O modelo holístico de sexualidade abarca várias áreas: a área somática que diz respeito aos componentes anatómicos, fisiológicos, endócrinos, genéticos, etc; a área psicológica – aos componentes psicoafectivos, condutas e comunicação; a área afetiva oferece-nos os componentes do amor e da autoestima; a área social, os componentes sociais do

ambiente onde o indivíduo vive a sua sexualidade; a área axiológica oferece-nos as diferentes valorizações de que o comportamento sexual é objeto no nosso mundo pluralista de valores sexuais; a área religiosa oferece a abertura da sexualidade à transcendência e a influência de cada uma das religiões sobre ela; a área cultural são os componentes sociais que a cultura desenvolve, os modelos culturais e os mitos, e a área higiênico-sanitária oferece-nos aspectos corporais, mentais e sociais da saúde sexual. Neste modelo a pessoa é entendida como uma realidade total em todas as suas dimensões e facetas.

Figura 1 – Visão holística de sexualidade



Fonte: Descrita por Puerto (2009).

Assim, e segundo este modelo podemos perspetivar a sexualidade como sendo

a maneira de ser como os seres humanos experimentam e expressam tanto a limitação da sua individualidade como a sua relação mútua como homem ou mulher de forma evolutiva ao encontrar-se, relacionar-se, expressar-se, comunicar, manifestar-se, como pessoa sexuada que é, através do corpo e do psiquismo do ser sexual por meios que sejam positivamente enriquecedores, realizadores, agradáveis para a pessoa e que potenciam a realização, comunicação, o amor, o prazer, a união,...condicionados à sua expressão pela integração e harmonia das componentes biológicas, psicológicas, afetivas, sociais, culturais, axiológicas, higiénicas de cada época (Puerto, 2009, p. 24).

Um outro conceito de sexualidade, comumente utilizado, é o da Organização Mundial de Saúde. Segundo esta Organização podemos definir sexualidade como

uma energia que nos motiva para encontrar amor, contacto, ternura e intimidade; ela integra-se no modo como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados, é ser-se sensual e ao mesmo tempo ser-se sexual. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (citada por Frade; Marques; Alverca; Vilar, 2006, p. 16).

Sendo a sexualidade parte integrante e integradora de todos os seres humanos, é uma componente basilar e fundamental para o seu bem-estar pessoal, interpessoal e social. Conforme afirma Puerto (2009), o estudo da sexualidade “deverá conduzir a responsabilidade igual entre os sexos, analisando, permitindo e defendendo as diferenças” (p. 148) de cada um, evitando sentimentos de angústia, medos de punição e culpas e favorecendo o processo de aprendizagem como um todo.

Em todas as sociedades, ao longo dos tempos, a Educação Sexual (ES) assumiu, de um modo geral, um modo de transmitir um conjunto de normas, mais ou menos rígidas de comportamento e de rituais, consagrados nas leis nos costumes e nas religiões próprias de cada sociedade. Segundo Frade et al. (2006), a forma de vestir, as brincadeiras sexuais infantis, a sexualidade adolescente, as

atividades sexuais permitidas antes e no casamento, as formas de namorar e de casar, os papéis atribuídos a mulheres e homens e a própria homossexualidade sempre foram objeto de normas explícitas de Educação Sexual.

Decorrente de todo um conjunto de transformações sociais, culturais e históricas que não importam alongar neste artigo, mas que contribuem para o conhecimento da evolução da sexualidade e da educação sexual ao longo dos tempos, cabe salientar que se verificam algumas mudanças. Como refere Pais (2012), a sexualidade deixou de ser um tabu mas não deixou de provocar um nervoso miudinho e risos incontidos que refletem, ainda, alguma inibição quando se fala do tema. Este modelo de ES, que se pauta por uma relativa ausência, acaba por alimentar a ignorância e acentuar as dúvidas.

Como, então, devemos atuar? Como iniciar uma ES nos primeiros anos de vida? A quem cabe o papel na educação sexual de crianças e jovens? Independentemente da forma de intervir o educador, seja ele pai/mãe, professor(a) ou outra pessoa que lida com a criança e com o jovem, deve ter em consideração um conjunto de valores básicos que lhe servem de orientação e que contribuem para uma vivência mais informada, mais autônoma, gratificante e responsável da sexualidade, nomeadamente:

- o reconhecimento de que a sexualidade, como fonte de prazer e de comunicação, é uma componente positiva e de realização no desenvolvimento pessoal e nas relações interpessoais;
- a valorização das diferentes expressões da sexualidade, nas várias fases de desenvolvimento ao longo da vida;
- respeito pela pessoa do outro, quaisquer que sejam as suas características físicas e a sua orientação sexual;
- a promoção da igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos;
- respeito pelo direito à diferença;

- reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento afetivo e amoroso na vivência da sexualidade;
- reconhecimento que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspetos essenciais para a estruturação de atitudes responsáveis no relacionamento sexual;
- recusa de formas de expressões da sexualidade que envolvem manifestações de violência e promovam relações pessoais de dominação e exploração;
- promoção da saúde dos indivíduos e dos casais, na esfera sexual e reprodutiva (Frade et al., 2006).

A Família como Primeira Agente da Educação Sexual

Parafraseando Ribeiro (2008), a família é a principal educadora, não só por direito, mas sobretudo por dever, é à família que cabe a responsabilidade de cuidar, amar e educar as crianças para que se tornem adultos equilibrados, autônomos e promotores de intervenções positivas na sociedade. A família age como fonte informal e espontânea na ES, servindo como modelo a crianças e jovens nela inseridos. Tal como Haffner (2005), consideramos que os pais têm o dever de prestar aos seus filhos informações sobre a sexualidade e que essas informações devem ser dadas desde o início da infância, dado que são os pais que providenciam as primeiras percepções sobre os papéis de cada sexo, sobre os relacionamentos e os valores a responsabilidade e a autoestima. Segundo Del Rio (2010), é neste refúgio afetivo e social que se encontram os primeiros educadores da criança e o local mais adequado para oferecer com carinho uma ES que será difícil encontrar noutros espaços.

Na sua dissertação Silva (2006) salienta alguns estudos que envolveram pais, dos quais salientamos o de Sampaio (1987), cujas conclusões referem que mais de metade dos pais atribuem a si a responsabilidade de desenvolverem junto

dos filhos uma efetiva ES e somente $\frac{1}{4}$ se considera incapaz de o fazer e um outro, encetado por Pires (2001), que permitiu aferir que os pais se consideram as principais fontes de influência de valores que os filhos adquirem no que respeita à ES. Reforçando esta ideia Haffner (2005) refere que oito em cada dez pais estão convencidos que lhes compete providenciar a ES aos seus filhos, mas poucos o fazem. Pais (2012) destaca que ao contrário do que acontecia em gerações anteriores, já se fala de sexualidade, embora ainda com algumas limitações, verificando-se a passagem de um “silêncio absoluto” para uma comunicação que se circunscreve, na grande maioria dos casos, à prevenção dos riscos associados à prática sexual. Efetivamente e segundo Louro (2000), os adultos resguardam-se da discussão sobre os afetos, os desejos, os rituais e as fantasias e procuram manter a sexualidade, sempre que possível, sob o enfoque meramente informativo e preferencialmente no campo das questões biológicas. Tais considerações são consonantes com as de Kakavoulis (2001) citado por Silva (2006), o qual refere que os encarregados de educação evidenciam sentirem-se limitados quanto a sua competência de levar a cabo a educação sexual dos seus filhos.

Outros aspetos importantes na influência dos pais nos comportamentos sexuais dos filhos são explanados em diferentes estudos (Dias; Matos; Gonçalves, 2007; Quintal, 2012), de onde se destacam os fatores familiares, nomeadamente o ambiente e as relações familiares, a comunicação entre pais e filhos, o estilo parental e a supervisão/monitorização parental e a falta de conhecimento/informação dos pais. Por outro lado também o fato de não saberem lidar com a sua própria sexualidade é motivo para que não sejam veiculadas informações acerca da sexualidade e que se deixe para a escola, os pares e os *media* esse papel.

Diante do exposto parece-nos pertinente considerar que muitos pais portugueses, embora a vontade que sentem em promover a educação sexual dos seus filhos, ainda há muitos entraves para o fazer.

Puerto (2009, p. 93) aponta uma série de orientações pedagógicas para pais e educadores a ter em conta quando se trata de ES:

- pais e mães deveriam esquecer a sua própria educação sexual e recordar que não têm obrigação de saber tudo;
- a ES dos pais deveria partir de um conceito integral da mesma e deveria ser ensinada por ambos os cônjuges;
- pais e escola deveriam colaborar, apoiando a mesma direção educativa. Nesse sentido, ambos deveriam adiantar-se sempre “à rua” e aos meios de comunicação;
- seria bom ensinar cada filho ou jovem a aceitar a sua própria sexualidade como algo muito positivo para a sua vida;
- responder sempre às perguntas dos nossos filhos, qualquer que seja o momento em que são formuladas e sempre com a verdade, adaptada ao seu entendimento e momento evolutivo;
- os pais deviam criar um ambiente no lar, desde a mais pequena infância, onde os filhos percebam que se pode perguntar e falar sobre este tema;
- a ES deveria estar misturada com a vida quotidiana dos pais porque a sexualidade não é um capítulo à parte.

Haffner (2005) designou como “famílias sexualmente saudáveis” aquelas em que os pais consideram ser tão importante educar seus filhos sobre sexualidade como ensinar-lhes responsabilidades familiares, religião e autoestima. Estes pais são “pais a quem se pode fazer perguntas”, pais que encontram nas situações do dia a dia momentos propícios ao ensino, estes podem ser uma notícia no rádio, na TV ou no jornal, pode ser passar por uma mulher grávida, por um casal que está a namorar. São momentos que se aproveitam para conversar com as crianças de forma natural, falando sempre a verdade e deixando para mais tarde quando não se conhece a verdadeira resposta, privilegiando a comunicação e favorecendo um ambiente propício ao questionamento com um

discurso adequado ao desenvolvimento dos filhos. Também quando a criança é cuidada, tocada pelos pais, quando brinca, quando se relaciona, quando possui uma relação afetiva está recebendo Educação Sexual.

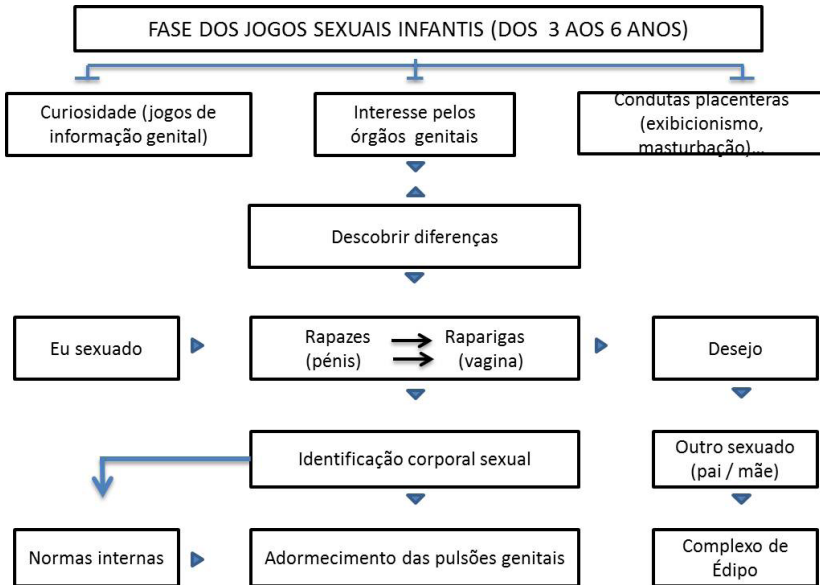
Entendendo a Sexualidade Infantil

Conforme já foi salientado anteriormente a sexualidade acompanha o ser humano desde a nascença até a morte. Durante muito tempo admitiu-se a inexistência de sexualidade na infância e até que no século 20 Sigmund Freud elaborou a Teoria do Desenvolvimento da Sexualidade, em que para além de outras descobertas constatou que a função sexual existe desde o princípio da vida. Enquanto crianças expressamos a curiosidade sexual por meio de perguntas, mas sobretudo mediante brincadeiras e jogos, sendo que na criança o sentido de brincadeira sexual é completamente diferente da visão do adulto. Ao brincarem as crianças “vivenciam conflitos, expressam sentimentos, vivem na fantasia diferentes papéis, inclusive os papéis parentais” (Silva, 2006, p. 19). As brincadeiras e a curiosidade sexual podem ser um indicador de um desenvolvimento saudável e criativo, mas para que se compreenda a sexualidade infantil não basta ter conhecimentos sobre o desenvolvimento da sexualidade, é preciso, segundo Silva (2006), associá-la ao desenvolvimento emocional como um todo, mas também às peculiaridades nas diversas idades.

Quando nascemos é pelo corpo que o mundo é sentido. A proximidade com os pais cria no bebê uma sensação de segurança e amor, sendo essa proximidade que fomenta uma imagem boa ou frustradora do pai e da mãe e influenciará o seu modo de amar, de desenvolver relações afetivas e de tolerar frustrações. A autoexploração é uma outra experiência fundamental. Pelo tato a criança descobre que tem órgãos especialmente sensíveis que produzem sensações agradáveis. Desse modo aprende a brincar e a obter prazer com o seu corpo. A sexualidade não está ligada apenas à genitalidade, dado que todo o corpo é erótico.

Segundo a Teoria do Desenvolvimento da Sexualidade, existem diferentes fases de desenvolvimento, consecutivas umas às outras, nas quais se encontram características que são importantes conhecer para entender a sexualidade infantil. Durante a fase oral (0-12 meses) é na região bucal que se obtém mais prazer. O bebê experimenta o mundo pela boca e põe tudo nela. A fase esfinteriana vive a primazia da zona anal, sendo o momento em que se iniciam as crianças no controle dos esfíncteres, o que lhe transmite um grande prazer, uma vez que a urina e as fezes representam para a criança as suas primeiras produções. Esta fase permite à criança um controle ativo sobre si mesma e sobre os outros, estando estas experiências na origem da estruturação da sua autonomia. A fase seguinte, a que Freud designou de fase fálica, é a “fase dos porquês”, quando se intensifica a curiosidade natural das crianças exteriorizada por meio de perguntas acerca de tudo. É muito importante perceber a questão que a criança coloca, a amplitude e o conteúdo da mesma e procurar dar sempre uma resposta cientificamente correta, corrigindo eventuais informações erradas que a criança possa apresentar. É nesta fase que a criança começa a libertar a sua dependência da mãe e do pai, ainda que ambos continuem a ser admirados, amados e a ser muito importantes. Segundo Silva (2006) e Puerto (2009), nesta fase, Figura 2, é natural a obtenção de satisfação ao brincar com o seu corpo e descobrir agradáveis sensações, por este meio a criança obtém conhecimentos de si mesma e adquire uma “sensação” de si própria como pessoa separada da mãe. À medida que a criança vai crescendo há uma maior tendência de brincarem separadamente por sexo, escolhendo jogos e brinquedos diversos.

Figura 1 – Resumo da Fase Fálica



Fonte: Puerto (2009).

Por volta dos 6 anos há um período bastante controverso, o período de latência. Continuam a ser feitas perguntas, descobertas, explorações em busca do sentido das coisas e a exploração do próprio corpo e o do sexo oposto é natural. A última fase sexual definida por Freud designa-se por fase genital e tem início com a puberdade, com as mudanças hormonais e com a adolescência com todas as transformações emocionais e sociais que o jovem experiencia.

A sexualidade é ainda, para alguns, um tema de difícil abordagem. Essa dificuldade pode ter a ver com um conjunto de fatores estudados por Dias, Matos e Gonçalves (2007) entre os quais se salientam: os fatores familiares, nomeadamente o ambiente/relações familiares; a comunicação sobre sexualidade entre pais e filhos; o estilo parental e a supervisão/monitorização parental. Com vistas a identificarmos as concepções dos pais com crianças pequenas, que se

encontram na faixa da chamada primeira infância (entre os 3 e os 9 anos) e que educação sexual proporcionam aos seus filhos, desenvolvemos esta pesquisa cujos métodos se explicam a seguir.

Metodologia/Metodology

As metodologias qualitativas procuram interpretar, compreender ou descrever determinados acontecimentos atuando por meio de técnicas e procedimentos diversos. Neste estudo e no que diz respeito à técnica de recolha de dados efetuou-se um inquérito por entrevista semiestruturada e como procedimento de análise documental recorreu-se à análise de conteúdo. Na perspectiva de Berelson citado por Bardin (2008), a análise de conteúdo é “uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (p. 38). A análise pode ser categorial ou temática e permite a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. Neste caso, algumas categorias foram definidas *a priori*, quando da elaboração do guião pelo qual se conduziu a entrevista, outras foram definidas após a análise documental, ou seja, *a posteriori*, após a transcrição e análise das entrevistas efetuadas.

Por se tratar de uma pesquisa com um número restrito de participantes e a amostra ser de conveniência, do ponto de vista da investigação podemos considerar este estudo como sendo um *estudo de caso*.

Participantes

A pesquisa envolveu duas mães e um pai, cujas idades estão compreendidas entre os 29 e os 31 anos de idade. O critério para a escolha dos participantes foi terem filhos na faixa etária entre os 2 e os 9 anos. Na nossa amostra existem duas particularidades: todos têm dois filhos (um menino e uma menina). No caso da amostra considerada temos o fato de dois dos participantes serem casados

um com o outro. Para além disso a escolha dos participantes também teve a ver com o fato de serem conhecidos da investigadora que aplicou a entrevista, sendo por isso considerada uma amostra de conveniência.

Instrumento e Procedimentos

Tendo em consideração os objetivos anteriormente enunciados 1) *identificar as percepções dos pais acerca do conceito de sexualidade*; 2) *descrever que tipo de comunicação se estabelece entre pais e filhos, no que diz respeito à sexualidade* e 3) *perceber que tipos de respostas dão os pais quando confrontados com questões colocadas pelos filhos*, consideramos pertinente o recurso à entrevista semiestruturada para a qual se elaborou um guião, com um conjunto de questões que a seguir se apresentam no Quadro 1.

Quadro 1 – *Guião da Entrevista realizada com os participantes*

Item	Questões
Dados pessoais	<ul style="list-style-type: none"> – idade – habilitações académicas – profissão – estado civil – número de filhos – idades dos filhos – sexo dos filhos
Ideias acerca da sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> – para você o que é sexualidade? – faz trabalhos de ES com seu filho? De que tipo?
Comunicar acerca da sexualidade com o(s) filho(s) e com a(s) filha(s)	<ul style="list-style-type: none"> – alguma vez conversou com os seus filhos sobre assuntos relacionados com a sexualidade? – sobre o que falaram? – como surgiu a conversa? – qual ou quais as dificuldades que sente ao abordar temas de sexualidade com os seus filhos? – quais os fatores que o levam a sentir essas dificuldades? – como acha que poderia ultrapassar essas dificuldades?

Como responderia a cada uma destas questões?	<ul style="list-style-type: none"> – Posso ver-te nu(a)? (2 anos) – Por que meu pênis ficou duro? (3/4 anos) – Por que vocês fecham a porta do quarto ou o que vocês estavam fazendo na cama? Posso ver? (3/4 anos) – O que é um preservativo? (5 anos)
--	---

Fonte: Geisext (2012).

As entrevistas foram realizadas separadamente a cada um dos participantes, com o seu consentimento prévio e feito o seu registo em suporte áudio. Posteriormente procedeu-se à transcrição integral de todas as entrevistas seguida da análise de conteúdo segundo as categorias de análise consideradas *a priori* e com a definição de outras categorias após a referida análise, ou seja, definidas *a posteriori*, conforme se pode verificar nos resultados apresentados.

Resultados/Results

Apresentam-se em seguida os resultados obtidos por meio da entrevista com os três participantes. Antes, contudo, far-se-á uma breve descrição de cada um deles. Como forma de garantir o anonimato apresentam-se como sendo P1, P2 e P3 e os dados pessoais apresentam-se no Quadro 2. Gostaríamos de salientar que P2 é casado com P3.

Quadro 2 – Caracterização dos participantes com base nos seus dados pessoais

Participante	Idade	Profissão	Estado Civil	Número de filhos	Sexo dos filhos	Idade dos filhos
P1	29	Doméstica	Casada	2	1 menino 1 menina	9 anos 7anos
P2	35	Web Designer	Casado	2	1 menino 1 menina	4 meses 4 anos
P3	31	Técnica de Informática	Casada	2	1 menino 1 menina	4 meses 4 anos

Para cada questão foram definidas categorias *a priori* e após o tratamento dos dados definiram-se outras categorias *a posteriori*. Para cada um dos itens considerados para análise e de acordo com as questões consideradas no guião da entrevista, anteriormente referido, apresentamos nos quadros que se seguem as categorias com os respectivos exemplos retirados do discurso dos entrevistados. Como se trata de um estudo com somente três participantes optou-se por apresentar apenas os exemplos e não quantificar a frequência com que aparecem, como por vezes é usual na técnica de análise de conteúdo.

Assim sendo relembramos que no primeiro item *Ideias Acerca da Sexualidade* consideramos duas questões. Na primeira, *Para você o que é a sexualidade?* consideramos como categorias as que se apresentam no Quadro 3, no qual figuram os respectivos exemplos de resposta dos entrevistados.

Quadro 3 – Exemplos retirados do item
Ideias Acerca da Sexualidade – 1ª questão

Categoria	Exemplos
Comunicação	“é fazer amor, troca de experiências, excitação” P1
Corpo; órgãos sexuais	“ tem a ver com a nossa intimidade, com o nosso corpo exposto, o
Sexo; relação sexual	nosso auge sem controle” P1
Sentimentos; Paixão; amor	“é o amor entre as pessoas” P2
Excitação; Orgasmo	“é o amor físico”P2
Intimidade	“é a expressão do amor” P2
Jogos; carícias; Experiências	“há quem veja sem ser amor” P2
Gênero	“não só a parte sexual, é a relação entre homem e mulher” P3
Sensualidade	“assumir a sexualidade masculina e a sexualidade feminina” P3
Descoberta	“a mulher tem uma sexualidade própria, assim como o homem, tanto em pequeninos como em crescidos eles vão assumindo a sua
Papéis sexuais	sexualidade, já vão tendo tendência, já vão “olhando” para a própria
Abertura	sexualidade e vão fazendo a sua própria descoberta” P3
Valores	“podes não ter relações sexuais mas tens a tua própria sexualidade, a mulher pode-se sexy... sensual” P3
	“a mulher sentir-se mais feminina, gostar de se arranjar, de se sentir mais bonita, sentir-se bem...” P3

Ainda no mesmo item, e atendendo à segunda questão colocada, *Faz trabalhos de ES com seu filho? De que tipo?* Os resultados obtidos através das entrevistas foram os que se apresentam no Quadro 4.

Quadro 4 – Exemplos retirados do item
Ideias Acerca da Sexualidade – 2ª questão

Categoria	Exemplos
	<p>“explicando, sim” P1</p> <p>“explicando à medida que eles vão crescendo e certas dúvidas que vão tendo eu vou tentando adaptar à idade deles, e tentando explicar de forma clara e sem omitir...” P1</p> <p>“até agora não falei nada sobre isso” P2</p> <p>“não houve nenhum tipo de abordagem” P2</p>
Comunicação: conversa; explicação	<p>“ela já vai começar a descobrir “pilhina”, “pipi”, mas não passa disso” P2</p> <p>“já vem assente que as meninas têm pipi e os meninos têm pilinha” P2</p> <p>“foi na escola e nos bonecos que ela vê também, nos bonecos nenucos que ela tem” P2</p>
Exploração de livros e imagens	<p>“... o Tiago é muito pequenino e a Catarina deve estar a “reventar a bolha” P3</p>
Exploração do corpo	<p>“provavelmente qualquer dia ela começa a fazer perguntas, não sei bem de que tipo, mas por exemplo “como é que nascem os bebês?” para ela já não faz sentido a ideia do vem na cegonha, vem não sei de onde, porque ela sabia que não havia um mano e depois apareceu um mano, viu todo o evoluir da barriga a crescer, quando fui para o hospital, que o mano nasceu, portanto essa parte ela já tem bem a percepção...” P3</p> <p>“nunca perguntou como é que foi lá para dentro... sabe ver nas fotografias o momento em que não havia mano, há alturas em que sabe que o mano já estava na barriga” P3</p> <p>“não, nem quando explicamos que estava grávida, ela pedia um mano e o pai falou com ela um dia no carro e quando chegamos a casa dissemos que a mãe tem um bebê na barriga, mas ela nunca perguntou como é que foi lá parar” P3</p> <p>“ela tem a tendência, agora está sempre com as mãos “no rabo” ou à frente, não digo que explore as zonas, no banho mete a mão nas zonas e olha e espreita, mas não fez perguntas, eu explico que não pode meter muito sabonete lá dentro porque depois arde o “pipi” e ela não faz perguntas” P3</p>

No segundo item *Comunicar Acerca da Sexualidade com o(s) filho(s) e com a(s) filha(s)* foram colocadas seis questões muito centradas na comunicação. Optamos por apresentar os resultados, Quadro 5, agrupando as três primeiras questões dado estarem encadeadas umas com as outras: Alguma vez conversou com os seus filhos sobre assuntos relacionados com a sexualidade? Sobre o que falaram? Como surgiu a conversa?

Quadro 5 – Exemplos retirados do item *Comunicar Acerca da Sexualidade com o(s) filho(o) e com as filha(s)* – 1ª, 2ª e 3ª questões

Categoria	Exemplos
Distinção entre gêneros	“tanto falo com ela como com ele” P1
Namoro	“o pai e a mãe fazem amor, eles sabem, até porque às vezes comentam “vá... vá vocês querem é ir à noite dormir, que é para namorarem”. Expliquei tanto a ele como a ela como é que é o sistema reprodutor dele e dela. Pronto. Expliquei como é que se faz os bebês, que é aquela curiosidade muito grande desde pequeninos e expliquei-lhes que é introduzido o pênis na vagina, num ato que estão a fazer o amor, que estão...que gostam muito, claro que não fazem isso com toda a gente, só fazem com aquela pessoa que gostam muito, depois daí nascem os bebês e expliquei pronto... a ela...ela já me viu com a menstruação e perguntou...e eu disse-lhe é super normal que as meninas a partir de uma certa idade, quando os nossos órgãos estão maduros, os nossos órgãos estão preparados para nos termos bebês, vem a menstruação. Vem uma vez por mês, três ou quatro dias, dependendo, que não dói, e pronto é só o nosso sistema a dar sinal que está tudo bem” P1
Carícias	“são eles que fazem as questões... eu não omito mesmo nada” P1
Valores	“realmente eles têm uma confiança muito grande comigo e com o pai...se eles tiverem alguma dúvida, se eles tiverem alguma coisa eles sabem que podem chegar a casa e contar, conversar. Que eu não aponto o dedo, ou não digo, “ah não faças isso”, há alturas para tudo, explico-lhes” P1
Corpo: sistema reprodutor	“não, com a Catarina nunca falei” P2
Menstruação	“acho piada que eles nos 3 anos iam à casa de banho juntos [no colégio], tinham duas sanitas (privadas), iam meninos e meninas e viam-se uns aos outros, este ano já não, têm duas casas de banho e cada um vai a sua, mas ela fazia comentários, ela sentadinha e “sabes como é que os meninos fazem xixi”, levantava-se fazia o gesto, punha a pilinha para baixo e fazia xixi, mas não fazia perguntas, porque que é que é assim porque é que os meninos são assim e as meninas assim” P3
À vontade	“não sei muito bem como é que ia abordar o tema com ela, mas normalmente ou ela puxa conversa e nós vamos respondendo e a conversa vai desenrolando, agora não é uma coisa que eu diga “ó filha senta aqui que vamos conversar sobre isto”, há muitas conversas que vão surgindo com ela ou porque ela de repente sai-se com uma pergunta qualquer que não tem nada a ver, ou porque estamos a ler uma história e pode haver uma palavra ou situação que ela própria pergunta o que é que é aquilo e aí desenrolamos a conversa” P3
Confiança	

Ainda no mesmo item *Comunicar Acerca da Sexualidade com o(s) filho(s) e com a(s) filha(s)* temos também três questões. Embora todas elas se refiram às dificuldades sentidas consideramos pertinente apresentar os resultados de cada uma delas em separado. Assim, no Quadro 6 apresentamos as categorias e os exemplos referentes à questão: *Qual ou quais as dificuldades que sente ao abordar temas de sexualidade com os seus filhos?*; no Quadro 7 apresentamos as categorias e os exemplos referentes à questão: *Quais os fatores que o levam a sentir essas dificuldades?* e no Quadro 8 as categorias e os exemplos referentes à questão: *Como acha que poderia ultrapassar essas dificuldades?*

Quadro 6 – Exemplos retirados do item *Comunicar Acerca da Sexualidade com o(s) filho(o) e com as filha(s)* – 4ª questão

Categoria	Exemplos
Vergonha Tabu	“os tabus...eu acho que isto já nasce mesmo conosco. Claro que às vezes a gente não vai explicar mesmo pormenores, se bem que eu tento explicar abertamente. Acho que já nasce mesmo conosco, o tabu, o não falar, ai não...que vergonha, pronto” P1

Quadro 7 – Exemplos retirados do item *Comunicar Acerca da Sexualidade com o(s) filho(o) e com as filha(s)* – 5ª questão

Categoria	Exemplos
Tabu	“eu acho que é pela nossa sociedade, o não se comentar, né! E também na minha família que não se comentava, era um tabu, não se falava” P1
Pressão Social	“Não se fala numa questão que acho que é muito importante...é a masturbação...nunca me foi explicado o que era isso e é uma coisa que faz parte do nosso crescimento...as dificuldades ...às vezes se calhar perceber qual é a altura certa de introduzir os assuntos...qual é a altura certa? Será que eu vou fazer confusão na cabeça deles? P1

Quadro 8 – Exemplos retirados do item *Comunicar acerca da Sexualidade com o(s) filho(o) e com as filha(s)* – 6ª questão

Categoria	Exemplos
ES na escola Questionar Pesquisar Falar com amigas	<p>“Eu acho a escola é muito importante. Acho que devia haver nas escolas uma aula que se falasse mesmo de sexualidade, como se fala da saúde, como se fala do corpo humano, falar sobre a sexualidade” P1</p> <p>“pesquisar através da Internet ou ir aos médicos...falo com amigas, se bem que às vezes entre amigas não se fala muito porque “ai credo não vamos falar disto” eu sou uma pessoa que falo muito à vontade e muitas vezes é na Internet” P1</p>

Na parte final da entrevista as mães e o pai foram confrontados com quatro questões colocadas por crianças com idades compreendidas entre os 2 e 5 anos e o que se lhes pediu foi para responderem às questões como se tivessem sido os filhos a fazerem-lhas. A apresentação dos dados será a resposta integral dada pelos pais, sem apresentarmos qualquer tipo de categoria de análise, pois o que pretendemos perceber é que tipo de resposta se obtém.

Na primeira questão colocada foi *Posso ver-te nu(a)?* (colocada por uma criança de 2 anos):

P1 – “Sim! Eu tomo banho com os meus filhos e um tem 9 e outro tem 7, tanto eu como o meu marido. Desde sempre...”

P2 – “ai isso não... isso já é um ponto assente que não...ela [a filha] já muitas vezes quer ver-me a pilinha mas não... é por educação pronto!... já se for ao contrário é diferente [referindo-se ao filho] é provável sim, até porque somos pessoas iguais fisicamente... não sei se é preconceito se não, mas é assim!”

P3 – “a Catarina já viu... o Tiago se for enquanto é bebê acho que não há problema....se for a Catarina acho mais estranho ela não vê o pai nu, mas a mim viu-me nua durante a gravidez, no verão pediu-me para tomar banho com ela, fomos as duas para a banheira; com o Tiago se calhar é assim até um ano, mas depois até ele próprio sabe que há uma diferença

entre o menino e a menina... não sei se é por ser constrangimento, se tem a ver com a educação e com aquilo que nos foi transmitido, é mais por uma questão de respeito”.

Para a segunda questão *Por que meu pênis ficou duro?* (colocada por uma criança de 3/4anos):

P1 – Por acaso já aconteceu e disse que é uma fisionomia do corpo, que é normal, que pode às vezes ele estar a gostar, ou estar a sentir um prazer, em estar a ver uma menina... alguma coisa que possa mexer com o sentimento dele e que aquilo endurece. De manhã, normalmente ele acorda assim, e até brinco com ele e digo “olha uma pilinha grande” e ele “oh mãe, tá quieta, oh mãe”... há aquela coisa da vergonha. Oh, filho isso é normal, estás aflitinho para fazer xixi, isso é normal. É encarado com uma naturalidade enorme...

P2 – “vai ser no momento...não, não imagino nada disso, eu sei porque é que ele fica duro de manhã é por causa da bexiga, dizia-lhe isso nessa parte, mas o resto não sei”.

P3 – “ó filho o teu pênis ficou duro porque estás a sentir coisas diferentes, porque se calhar está a sentir que o teu coração está a bater mais forte, tens umas borboletinhas na barriga diferentes daquilo que sentes noutras alturas e acontece isso nos meninos”.

A terceira questão é *Por que vocês fecham a porta do quarto ou o que vocês estavam a fazer na cama? Posso ver?* (colocada por uma criança de 3/4 anos):

P1 – *“porque a mãe e o pai querem namorar, aliás eles sabem que a mãe e o pai namoram sem qualquer tipo de problema, a mãe e o pai fazem sexo, eles sabem perfeitamente”. Não podem ver porque “Não, porque é a nossa intimidade, apesar de já termos sido apanhados (risos)”.*

P2 – “*não porque está sempre aberta a porta, fechamos é a dela...mas se ela perguntasse era porque os pais precisam de privacidade...do seu momento e não passava daí... porque ela tem uma regra que quando a porta está fechada tem que bater para entrar*”.

P3 – “*porque a porta fica fechada, nós temos sempre imenso cuidado, se tivermos a porta fechada e ela bater diria...porque os pais estavam a conversar*”.

Finalmente na quarta questão *O que é um preservativo?* (colocada por uma criança de 5 anos):

P1 – “*explicaria, abria-lhe um e explicaria como é que era introduzido, eu e o pai, normalmente essas coisas se calhar iríamos fazer os dois e explicaríamos para que é que serve, basicamente para ele ver*”.

P2 – “*pois é uma boa questão... nós sabemos explicar para os adultos, agora para crianças...a nível de proteção, para ela não ter qualquer doença*”.

P3 – “*um preservativo é uma coisa que os homens usam quando estão a namorar com as mulheres, para não haver bebês, é uma proteção, como se fosse um capacete*”.

Conclusões

Sendo os propósitos desta pesquisa 1) identificar as perceções dos pais acerca do conceito de sexualidade; 2) descrever que tipo de comunicação se estabelece entre pais e filhos, no que diz respeito à sexualidade; 3) perceber que tipos de respostas dão os pais quando confrontados com questões colocadas pelos filhos e sem querermos tecer juízos de valor relativamente às respostas dos participantes ou fazer qualquer tipo de generalização, tecemos algumas considerações relativamente aos dados que obtivemos.

Assim os resultados ressaltam que todos os participantes têm uma noção de sexualidade centrada no caráter biológico, dada a importância de descrever as transformações que ocorrem no corpo humano, e na esfera da relação sexual, embora a P3 fale também na sensualidade, ou seja, as outras dimensões da sexualidade quase são anuladas na percepção destes pais, havendo pouca referência aos afetos, sentimentos, emoções, relações interpessoais e aos valores.

No que respeita aos tipos de comunicação podemos salientar que relativamente à participante 1 (P1) percebe-se pelo seu discurso que há muito “à vontade” no seio da família para a abordagem de questões relacionadas com a sexualidade. Quanto à comunicação parece ser bastante positiva, com momentos propícios desde a tenra idade e sem distinção quanto às questões de gênero, uma vez que a participante refere que aborda os assuntos de igual modo com ambos os filhos. Já os participantes 2 (P2) e 3 (P3) revelam mais dificuldade em falar com a filha sobre questões relacionadas à sexualidade, referindo ao longo dos seus discursos que esperam pelas questões da filha para ir respondendo, achando, no caso de P2, que “na altura certa ela vai falar”, enquanto P3 vai aproveitando alguns momentos para dialogar acerca de algumas questões. A maioria das questões é explicada pelos pais recorrendo à exploração de livros e imagens que ajudam nessas explicações dadas às crianças.

Todos consideram que à escola compete a função de tratar de assuntos relativos à educação sexual e que a família deve ir complementando o que a escola trata. Um aspecto interessante é que o participante 2 assume que muitas das posições que toma, nomeadamente o “à vontade” e a forma como comunica tem a ver com a “educação que recebeu” por parte dos seus pais, chegando mesmo a referir, a certa altura, que “não sei se lá em casa era assim também, por acaso era uma questão para se perguntar, que era interessante saber se era igual ou não”. As dificuldades sentidas pelos entrevistados prendem-se sobretudo com os tabus e com a vergonha que ainda sentem e que está muito enraizada na sociedade portuguesa. Outro dos medos salientados prende-se ao fato de “perceber qual é a altura certa?” e por isso, às vezes, preferem aguardar pelas questões dos filhos, não antecipando.

No que diz respeito ao confronto com as questões expostas pelos filhos de idade compreendidas entre os 2 e os 6 anos, parece-nos que as mães encaram com mais naturalidade o momento de responderem aos filhos. Os participantes 2 e 3 fazem alguma distinção de gênero na resposta a dar, entendendo que à menina a mãe pode deixar ver o seu corpo, mas ao menino já não, enquanto o pai refere que ao menino não há problema e quanto à menina já há. Esta é uma questão em que os valores da família são assumidos e devem ser respeitados.

Outro aspecto interessante, que gostaríamos de salientar, foi que no final das entrevistas o participante 2 referiu que “nunca discutimos isso enquanto casal”, o que nos leva a crer que é fundamental haver momentos em que o casal pense que percurso deve seguir quando se trata da educação sexual dos filhos, sendo fundamental essa discussão e entendimento.

Estes resultados levam-nos a considerar pertinente a discussão de temas relacionados com a sexualidade que envolvam mais os pais de modo a que estes se sintam mais “à vontade” para abordar os assuntos de forma natural e sem esperar “pelo momento certo”. Deste modo não se delega apenas para a escola essa tarefa, pelo contrário, ambos os espaços possibilitam que a criança questione, confronte o que sabe e clarifique os seus conhecimentos. Na nossa opinião essa discussão dos temas relacionados com a educação sexual e a sexualidade envolvendo os pais pode passar pela realização e dinamização de formações, oficinas, sessões de sensibilização e esclarecimento ou outros momentos em que se abordem as diversas questões sem tabus nem barreiras e que possibilitem aos pais/mães transmitir os seus conhecimentos, valores, princípios e crenças de forma clara e acessível à idade dos filhos, valorizando a sua própria sexualidade.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. (Edição Revista e Atualizada). Lisboa, Portugal. Edições 70, 2008

DEL RIO, C. H. *Educação sexual dos 0 aos 6 anos*. Quando e como abordar. Lisboa, Portugal: Editora Papa-Letras, 2010. (Coleção biblioteca do educador de infância).

DIAS, Sónia; MATOS, Margarida Gaspar de; GONÇALVES, Aldina. Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Aná. Psicológica* (on-line). vol. 25, n. 4, p. 625-634, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/aps/v25n4/v25n4a08.pdf>>.

FRADE et al. *Educação sexual na escola: guia para professores, formadores e educadores*. Lisboa, Portugal: Texto Editores, 2006. (Coleção Educação Hoje).

HAFFNER, Debra. *A criança e a educação sexual*. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 2005.

LOURO, Guacira. *Currículo, género e sexualidade*. Porto, Portugal: Porto Editora, 2000.

PAIS, Machado. *Sexualidade e afectos juvenis*. Lisboa, Portugal: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PIRES, M. *Pedagogia de vinculações e Educação para os valores*. 2001. Dissertação (Doutoramento) – Universidade Nova de Lisboa, 2001, volume I-II.

PUERTO, Cosme. *Educação sexual e a escola*. 1. ed. Lisboa, Portugal: Editora ID Books, 2009.

QUINTAL, Marlene. A comunicação entre pais e filhos: perspectivas parentais sobre educação sexual. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6887/1/ulfpie040134_tm.pdf>. Acesso em: out. 2012.

RIBEIRO, T. T. *Educação da sexualidade em meio escolar: os valores comuns*. 2008. Disponível em: <<http://www.porto.ucp.pt/lusobrasileiro/actas/Teresa%20Tom%C3%A9%20Ribeiro.pdf>>. Acesso em: out. 2012.

SAMPAIO, M. *Escola e educação sexual*. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte, 1987.

SILVA, Isolina. *Educação para os valores em sexualidade: um estudo com futuros professores e alunos do 9º Ano de escolaridade*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2006. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6749/1/tese%20final.pdf>>. Acesso em: out. 2012.